

Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura

Rafael Ribeiro dos Santos

Universidade Estadual de Goiás
Anápolis - Goiás - Brasil
rafaelribeiro.geografia@gmail.com

Maria Idelma Vieira D'Abadia

Universidade Estadual de Goiás
Anápolis - Goiás - Brasil
maria.dabadia@ueg.br

Resenha da Obra: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura*. São Paulo: Cortez, 2015.

Tudo o que aqui está escrito, mesmo quando bebe alguns de seus saberes na fonte de alguma “alta-ciência”, está destinada a mulheres e homens que convivem os seus dias entre o “chão da escola” e outros tantos “chãos da luta em nome da pessoa e da vida” (Carlos Rodrigues Brandão).

Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura, foi escrito em 2015 pelo professor e pesquisador carioca Carlos Rodrigues Brandão. O autor possui livre docência pela Universidade de Campinas (UNICAMP-SP) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), tendo sua obra essencialmente pautada na área da antropologia, educação e literatura. Atualmente, atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNICAMP, professor colaborador da Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás (UEG-GO). O livro é o primeiro de uma série de sete livros integrados e interativos, todos dedicados com prioridade a professoras e professores “do chão da escola”, como afirma o autor. Intitulado de maneira distinta e provocativa, o livro pauta-se essencialmente em resultados de análises antropológicas, as quais são originárias tanto da experiência do autor, quanto de sua bagagem teórica e de pesquisa, construída ao longo de mais de quarenta anos de atuação profissional. O autor realiza uma bela apresentação da obra, uma epígrafe marcada pela poeticidade e uma introdução que se destaca pelo detalhamento. O livro se estrutura em sete capítulos, os quais nos trazem uma análise bem substancial de elementos que nos levam a uma melhor compreensão sobre o homem e seu processo evolutivo.

No primeiro capítulo, *Aqui, muito antes de nós: o que havia aqui antes de havermos chegado até aqui?* O autor inicia abordando questionamentos sobre a origem da vida, tema explorado por filósofos ao longo da história da humanidade. Brandão aponta que tanto esses pesquisadores quanto biólogos tentam dar explicações a esse processo evolutivo do homem. Diversas teorias e hipóteses são geradas, entre as quais a que aponta que a origem do homem, ou melhor, dos seres que detinham a capacidade de viver fora da água, há cerca de 220 milhões de anos. Desse momento em diante, surgem então os primeiros seres vivos com essa capacidade (répteis) e posteriormente os mamíferos.

A partir do momento em que os seres vivos passam a existir, é dado o pontapé inicial para o processo de colonização do planeta Terra, em decorrência de tal ação, esses passam a se adaptar e a desenvolver comportamentos e habilidades para sua sobrevivência e procriação. O homem surge por volta de 20 a 15 milhões de anos, sendo que os indivíduos com as formas mais próximas ao que somos acostumados atualmente datam de 7 a 3 milhões de anos. O autor realiza um paralelo comparativo entre a evolução humana e uma das torres do extinto *World Trade Center*, em que o térreo equivale ao surgimento do planeta e a cobertura da torre aos mamíferos, os quais atualmente dominam o planeta e que os próprios humanos fazem parte desse reino animal. Por fim, é destacado o surgimento dos primeiros homens modernos, por volta de 300 a 100 mil anos atrás, esses advindos do continente africano, logo se espalham pelo planeta e passam a transformá-lo simbólico e culturalmente, a fim de ajustá-lo a si.

Nós, os Humanos, segundo capítulo da obra, aborda a nossa existência (*homo sapiens* moderno) a qual data de 50 a 60 mil anos atrás, sendo este modificado corporalmente em relação aos outros e com a habilidade de estar colonizando com mais facilidade. Por meio do processo de evolução, o homem parte do aspecto fisionômico, similar aos macacos, passa pelos primitivos antropóides, até chegar mais tarde aos humanos, esses já se caracterizam por serem dotados de funções biopsíquicas para sobreviver e se comportar na sociedade. O homem moderno passa a viver no chão, diferentemente de seus antepassados que viviam no alto das árvores, o que contribuía para sua própria sobrevivência, em virtude da acessibilidade aos alimentos (frutos) fornecidos ali.

O processo evolutivo fez com que o homem passasse a se relacionar de forma mais íntima com “as coisas do mundo”, principalmente em virtude do desenvolvimento dos sentidos (visão, olfato, paladar, audição, tato e a capacidade de raciocínio), o homem passa a ser o “ser humano”, afirma o autor. Após passar a habitar no chão, o homem tem que lutar pela sobrevivência, o alimento deixa de ser acessível, tendo então que interagir com os demais, cooperando e compartilhando dos recursos alimentares adquiridos. Os humanos

passam a dominar a agricultura e a sistematizar meios para a vida, posteriormente surgem as primeiras “civilizações”, as cidades. De acordo com Brandão, os indivíduos passaram a criar suas ferramentas, e a partir delas construíam outras coisas, “com mãos hábeis e mentes capazes de aprender, de ensinar, de imaginar e de criar o novo, ele criava e atribuía novas significações”, afirma. Por fim, o autor destaca a percepção que o homem passa a ter, em que ele conclui que a cultura e a natureza agem como tessituras de uma mesma realidade, e não como elementos inseparáveis e distintos; libertados dos poderes do destino e condenados ao dever do arbítrio, afirma.

O capítulo três, *O artesão do oitavo dia: o trabalho de criar um mundo humano*, inicia-se apontando a questão do criacionismo, o autor alega que motivados por um movimento de “insatisfação” ou mudança, os nossos primeiros pais (Adão e Eva), decidem expor ao seu Deus a sua gratidão e o desejo pela independência. Por meio do desenvolvimento do cérebro, o ser humano passa então a ousar e desenvolver a sua capacidade de raciocínio, aguçando aspectos como: sentimentos, sentidos, significados e a sociabilidade. A linguagem passa a ser o aspecto característico e crucial do homem, por meio dela aprendemos, desaprendemos e reaprendemos continuamente. Por meio da consciência reflexiva de passado, presente e futuro, os indivíduos passam também a compreender a ideia de cultura ao saber reflexo dos animais e o saber reflexivo dos homens, o que em decorrência, gera uma ocupação quase que totalitária do planeta. Brandão ainda acrescenta na parte final que a cultura é algo criado pelos homens e pelos biológicos, assim, criamos e recriamos, a todo instante, as tramas de símbolos e significados referentes à vida.

No quarto capítulo, intitulado: *Ser Humano, ser recíproco: o dilema da experiência humana*, é descrito inicialmente as relações íntimas entre pais e filhos, seja no âmbito animal ou humano, e dos seres vivos como um todo, abordando a afetividade e carinho, ora familiar, ora por meio das afinidades consanguíneas. Carlos Brandão enfoca um pouco dos questionamentos existenciais realizados pelos homens, sob o aporte teórico do filósofo Jean Jacques Rousseau, o qual aborda a temática em duas de suas principais obras. O autor também realiza uma retomada das ideias de evolução e aspectos comportamentais de acordo com a ótica de Clifford Geertz. Brandão, por fim, realiza um diálogo com o antropólogo francês Marcel Mauss em decorrência das palavras-chave: dar, receber e retribuir, as quais “resumem” a obra *“Ensaio sobre a dádiva – forma e razão das sociedades arcaicas”*, que antropologicamente trata de aspectos de reciprocidade, relações e capital no poder.

De um Olhar a um Outro: outras viagens por caminhos já percorridos entre a paleontologia e a antropologia, quinto capítulo da obra, Brandão aponta a (des)valorização da cultura por parte de antropólogos e destaca que essa se faz presente em tudo e de

diferentes formas. A sociedade se estabelece hierarquicamente ou por meio de funções, formando assim teias e tramas ordenadoras de significados e de orientações de conduta das relações entre os homens. É realizada uma crítica às tantas definições dadas à cultura, enquanto sociedades, como a indígena, praticam-na sem nenhum conceito sequer. O autor ainda destaca cinco ideias norteadoras sobre cultura e suas consequências por meio do antropólogo Kroeber. Segundo ele, até 1960 a antropologia entendia a cultura por dois eixos: o de estudos dirigidos à compreensão espiritual da mente humana e o das teorias idealistas sobre cultura. Por fim, ambos os eixos convergem alegando que a cultura articula sistemas de símbolos e significados, assim, propiciando uma interação ao sentir, pensar e fazer dos homens. Brandão ainda escreve que a cultura perpassa o entendimento dado pela sociologia, psicologia, física e a biologia, pois essas vão de encontro a uma tentativa de compreensão lógica e sistematizadora, mas esquecem que nesse estudo as atividades simbólicas são essenciais.

Com o título de *Igualdade e Diferença: as culturas, os saberes e as artes minhas e dos outros*, o capítulo seis traz inicialmente orações de diferentes religiões e seitas religiosas, a fim de demonstrar como são estabelecidas as relações dos indivíduos com os seus deuses, e o autor afirma que esse processo dialético em evidência se figura como cultura. Numa abordagem sobre as relações culturais, Carlos Brandão cita Michael Foucault no que tange o ordenamento social, no sentido de conformidade diante das inquietudes da vida, o que (in)conscientemente sempre tentamos elucidar algo com base em uma ideia (cultura) já latente em nós. Em meio ao complexo cultural, a religião ganha destaque como sendo um fator da vivência social. O autor ainda realiza uma análise sobre a justaposição de valores sociais (economia, cultura e estrutura social), postulando em que medida eles divergem, convergem ou se sobrepõem e o que isso ocasiona aos indivíduos. O capítulo é encerrado tratando de que o que há de incomum entre os humanos são as diferenças culturais, o que em um outro momento foi chamado de “desigualdades”.

O sétimo e último capítulo, intitula-se: *Existir, Evoluir, Transcender-se mais: a vocação do ser humano*. Nesse capítulo é relatado inicialmente sobre um simpósio realizado em 1973, que lembrava os 500 anos do nascimento de Nicolau Copérnico, em que o cientista Brandon Carter evidenciou a sua teoria “princípio antrópico”, a qual defendia a adequação do universo para tudo que nele existe. É tratado também de outras teorias sobre o universo e a origem da vida, as quais Brandão as questiona. O autor destaca que as religiões e as ciências instigam as pessoas à busca de respostas para entender de onde vem e para onde vai o ser humano e a partir de então surgem o que chamamos de “narrativas lendárias”. Adiante, Brandão salienta que para que haja uma boa compreensão de suas obras é válido à

leitura de Teilhard de Chardin, sendo esse a sua maior fonte de inspiração, com isso ele ainda discute ideias do autor sobre a origem do universo e da vida em um bom trecho do capítulo. A seguir é destacado um documentário que aborda a interação dialógica das ciências, entre as artes, as espiritualidades, as religiões e as tradições de pensamento e de criação de culturas. Para finalizar o capítulo e o livro, Brandão sublinha uma citação de Teilhard de Chardin enfatizando que os indivíduos para serem mais é preciso que eles se unam mais.

Na tentativa de destacar o surgimento do “fenômeno humano” no planeta Terra, o livro dirige-se a todos aqueles que tenham interesse de compreender um pouco mais a respeito das origens da humanidade. Ao longo dessa trajetória o próprio autor salienta que surgirão mais dúvidas do que respostas propriamente dita. Afinal, se o leitor não quiser ater-se às “respostas” dadas para o surgimento do homem por meio das religiões, a ele só restarão teorias que buscam explicar o fenômeno cientificamente. Em linhas gerais, dar esclarecimentos sobre a origem e o futuro do homem, trata-se de um saber o qual nem mesmo o homem em sua exorbitância de conhecimento conseguiu ainda explicar.

Brandão, em outras palavras, escreve recordando-se dos mestres que o ensinaram (professores e seus companheiros de luta e militância em prol de diversas causas). O autor salienta que este livro não foge dos padrões acadêmicos, os quais estão sempre em busca de uma escrita inovadora ou mesmo que venha a dar contribuições expressivas para a produção da ciência. Ele ainda afirma que, como este livro é fruto de um aprendizado com outras pessoas, o “meu” definitivamente não existe aqui, mas sim o “nosso”. Mesmo sendo baseado em sua vivência e aprendizado, o professor também destaca o uso de grandes teóricos, que por meio de suas obras, deram importantes contribuições para a escrita deste produto, além do sublime aprendizado que o mesmo teve com seus alunos ao longo de sua trajetória como docente. Carlos Brandão nos relata o fato dele concordar com o que o autor Manoel de Barros afirma: “o melhor de mim são os outros”; e por fim elenca a contribuição de sua vida como escoteiro para essa produção, em que ele diz que sentar em volta do “Fogo do Conselho” à noite e dialogar foram subsídios necessários no despertar do seu “eu” atual.

SOBRE OS AUTORES

Rafael Ribeiro dos Santos é graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG); Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UEG.

Maria Idelma Vieira D'Abadia é pós-doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis.

Recebido em 15/03/2018

Aceito em 17/07/2018